

Efeitos aspectuais da negação frásica

Luís Filipe Alvão Serra Leite da Cunha
Centro de Linguística da Universidade do Porto

1. Introdução

Tendo em conta a variedade e multiplicidade de fenómenos linguísticos em que a negação proposicional interfere e se encontra envolvida, propomo-nos com o presente trabalho proceder a uma breve análise do impacto que tal estrutura poderá ter sobre o “perfil” aspectual das predicacões com que ocorre.

Em termos muito gerais, diremos que a negação frásica consiste numa operação que, entre outras funções que aqui não discutiremos, permite dar conta da “inexistência” ou da “ausência” da eventualidade representada no seu escopo.

A negação é, na realidade, um tópico extraordinariamente complexo, quer no que se refere ao seu tratamento semântico, quer no que toca à sua representação sintáctica, pelo que nos abstermos aqui de tecer grandes considerações sobre a matéria em questão. Problemas como os que dizem respeito aos diversos tipos de constituintes susceptíveis de se integrarem no escopo do operador de negação, à multiplicidade de elementos que, em línguas como o Português, desencadeiam ou são portadores de polaridade negativa ou às diferentes propostas avançadas no sentido da formulação adequada de condições de licenciamento para a designada Concordância Negativa não serão, pois, abordados no decurso da nossa exposição (vejam-se a este respeito, por exemplo, Horn (1989), Peres (1997), (2002), Branco e Crismann (1999) e Matos (1998), (1999)a,b, entre outros).

Assim, limitaremos as nossas observações à relação que se pode surpreender entre negação proposicional e estatividade, temática que se constituirá como o objecto central da investigação que nos propomos prosseguir ao longo dos próximos parágrafos.

2. A Negação Proposicional como Desencadeadora de Estatividade

Em primeiro lugar, importa sublinhar que os efeitos da aplicação de um operador de negação frásica a uma determinada situação não se podem reduzir, de forma alguma, à mera inversão de polaridade da proposição em causa; pelo contrário, somos levados a acreditar que a negação de uma eventualidade acarreta consequências de considerável relevância a vários níveis, nomeadamente no que diz respeito à caracterização das suas propriedades aspectuais (cf. Contini-Morava (1989)).

Tentaremos, em seguida, demonstrar que a negação aplicada a uma eventualidade afecta, pelo menos em certa medida, o seu “perfil” aspectual básico, no sentido de uma aproximação ao comportamento característico das predicções estativas.

Nesse sentido, colocaremos a hipótese de que um operador negativo com escopo sobre uma dada eventualidade revela a capacidade de alterar (pelo menos algumas das) suas propriedades aspectuais de origem, conferindo-lhe características algo semelhantes às que qualificam os estativos. Sugerimos, pois, que as restrições impostas pela presença da negação apontam para uma certa “estativização” dos eventos envolvidos, i.e., que a negação proposicional se mostra, em condições propícias, desencadeadora de estatividade.

Importa, neste momento, explicitar os argumentos que nos levaram a adoptar uma tal posição, conferindo-lhe uma fundamentação tão válida e adequada quanto possível.

Um primeiro argumento em favor do carácter estativo das situações sob o escopo da negação prende-se com as características manifestadas pela sua própria estrutura temporal interna. Com efeito, autores como Dowty (1986) ou Krifka (1989) observam que uma qualquer eventualidade negada se comporta de forma inteiramente homogénea, ou seja, obedece, sem restrições, à chamada propriedade de subintervalos (cf. Dowty (1979)), independentemente do “perfil” aspectual que a sua congénere não negativa possa ostentar.

Nesse sentido, se para um determinado intervalo frases como “O Guilherme não comeu a sopa” ou “A Ana não fechou a porta” descrevem estados de coisas verdadeiros, o mesmo terá que suceder obrigatoriamente em relação a todo e qualquer subintervalo (incluindo os “momentos”) que se encontre incorporado no referido espaço de tempo. Por outras palavras, as proposições “O Guilherme comeu a sopa” ou “A Ana fechou a porta” nunca poderão vir a descrever eventualidades verdadeiras em períodos de tempo contidos num intervalo mais vasto em que as suas correspondentes negadas recebam um valor de verdade positivo.

Ora, desde propostas como as desenvolvidas por Bennett e Partee (1978) ou por Dowty (1979), a conformidade à propriedade de subintervalos é uma das características que, na literatura, mais frequentemente têm sido invocadas para a identificação e caracterização das predicções estativas. Nessa medida, o comportamento das situações negadas parece aproximar-se bastante do manifestado pelos restantes estados, o que levou Dowty (1986) a afirmar que “It can similarly be shown that the negation of any atomic sentence will be a stative sentence (...)” (Dowty (1986), p. 44).

Ou, na óptica das concepções aspectuais perfilhadas em Cunha (1998)a,b, diremos que, veiculando a “ausência” ou a inexistência da eventualidade a que se aplica, a negação proposicional inviabiliza a postulação de qualquer tipo de estrutura “fásica” para a situação que descreve. Ora, de acordo com Moens (1987) e Moens e Steedman (1988), uma das principais características que identificam os estativos é a ausência de “fases” sucessivas, pelo que este será um ponto de inegável convergência entre as duas realidades que aqui estão a ser comparadas.

No sentido de confirmar ou infirmar a hipótese que aqui estamos a desenvolver, é de todo imprescindível avaliar o comportamento das proposições negadas no contexto dos diversos “testes” sugeridos para a determinação da estatividade. Será, pois, a este objectivo que devotaremos os próximos parágrafos do presente trabalho:

3. A Negação Proposicional Face a Alguns Testes de Estatividade

Se, como todas as nossas observações preliminares levam a crer, a negação de uma qualquer situação, independentemente da categoria básica com que se identifica, traz consigo “marcas” de estatividade, a configuração que a suporta terá que manifestar um comportamento linguístico muito próximo ao dos restantes estativos, nomeadamente no que diz respeito aos critérios distintivos avançados, por exemplo, em Dowty (1979) e em Cunha (1998)a. Importa, por conseguinte, avaliar em que medida tais predições conduzem efectivamente aos resultados requeridos.

1. Comportamento sob o Escopo de Verbos de Operação Aspectual. No que se refere aos designados verbos de operação aspectual (cf. Cunha (1998)a, Cap. 3, (1998)b), as configurações negativas parecem patentear restrições muito próximas àquelas que caracterizam a generalidade dos estativos. Assim, a negação proposicional é unicamente admitida sob o escopo de operadores que também se apliquem a outros estados, como sucede com *passar a* e *continuar a* (contrastem-se os exemplos (1) e (2), em que figuram proposições negativas (com processos culminados, culminações e estados), com (3) e (4), que contemplam estados).

O caso de *passar a* é particularmente significativo, na medida em que se trata de um dos poucos operadores aspectuais que, em línguas como o Português, se encontram exclusivamente reservados à co-ocorrência com predicções de cariz estativo (cf. Cunha (1998)a,b).

- (1) a – O Guilherme passou a não comer a sopa.
b – A Ana passou a não fechar a porta de casa à chave.¹

¹ É muito interessante observar que, com a negação de eventos, *passar a* licencia unicamente uma leitura de tipo habitual para as predicções envolvidas. À primeira vista, tal facto poderia ser invocado como um contra-exemplo para a proposta de teorização que aqui estamos a desenvolver: dado que a negação proposicional confere marcas de estatividade às predicções com que se combina e que o operador em questão apenas se compatibiliza com estados, o que impede, então, o licenciamento da ocorrência de estruturas deste género com uma interpretação episódica? Uma análise mais aprofundada das configurações em causa, contudo, conduz-nos a uma explicação que, longe de se constituir como um obstáculo ao tratamento que aqui sugerimos, se apresenta como mais um forte argumento em seu favor. Assumindo (i) que o operador *passar a* apenas pode integrar no seu escopo estados de indivíduo, ocasionando anomalia semântica com estados de “estádio” (cf. a inaceitabilidade de frases como “* A Aida passou a estar grávida” ou “* O gnu passou a estar magro”, nas suas leituras episódicas); (ii) que os eventos, na sua generalidade, representam predicados de “estádio”; (iii) e que, como veremos, a negação proposicional, enquanto “perspectivador” aspectual, não interfere na distinção entre predicados de indivíduo e predicados de estádio (cf. a discussão dos exemplos (18) a (21)), obtemos uma explicação bastante plausível para o comportamento patentead

- c – A Rita passou a não viver na Holanda.
- (2) a – O João continuou a não ir às aulas.
b – A Ana continuou a não viajar de avião.
c – A Rita continuou a não gostar de linguística.
- (3) a – O Jorge passou a ser presidente do clube.
b – A Maria passou a ter medo do cão.
c – A Rita passou a viver na Holanda.
- (4) a – O Jorge continuou a ser presidente do clube.
b – A Maria continuou a ter medo do cão.
c – A Rita continuou a gostar de linguística.

Por outro lado, a inclusão de proposições negadas no escopo de operadores que, tipicamente, rejeitam a presença de predicacões estativas ocasiona anomalia semântica. Os casos de *parar de*, *acabar de* e do próprio Progressivo são muito reveladores a este respeito, mantendo-se a inaceitabilidade das configurações negativas mesmo quando as estruturas não negadas que lhes correspondem se revelam inteiramente compatíveis com os contextos de ocorrência em questão (comparem-se os exemplos em (5) e (6) com os de (7) e (8)):

- (5) a – * O Guilherme parou/acabou de não comer a sopa.
b – * A Ana parou/acabou de não ler o livro.
c – * A Rita parou/acabou de não correr.
- (6) a – * O Guilherme está a não comer a sopa.
b – * A Ana está a não fechar a porta de casa à chave.²
c – * A Rita está a não viver na Holanda.
- (7) a – O Guilherme parou/acabou de comer a sopa.
b – A Ana parou/acabou de ler o livro.
c – A Rita parou de correr.³
- (8) a – O Guilherme está a comer a sopa.
b – A Ana está a fechar a porta de casa à chave.
c – A Rita está a viver na Holanda.

em (1a,b): tendo em conta que a negação, mesmo conferindo marcas de estatividade aos eventos com que co-ocorre, não manifesta a capacidade de alterar o seu estatuto de predicados de “estádio”, não surpreende que as leituras episódicas de eventos negados, tal como todos os restantes predicados de “estádio”, se encontrem indisponíveis para integrar o escopo do operador *passar a*.

² Para a argumentação que estamos a desenvolver, apenas nos interessam aqui as interpretações episódicas das frases sob análise. Alguns falantes, no entanto, aceitam-nas na sua leitura habitual. Tal facto não invalida, de qualquer forma, a proposta que estamos a adoptar na medida em que, como sabemos, as configurações habituais são, por natureza, de cariz estativo. Por outro lado, o facto de as estruturas que integram a negação reflectirem as hesitações dos falantes quanto à possibilidade ou não de conferir às formas progressivas uma interpretação habitual não será de todo surpreendente, tendo em conta que, como argumentaremos mais adiante, nos encontramos face a um “perspectivador” aspectual que preserva muitas das características das predicacões de base com que se combina.

³ Note-se que, também com processos, o operador *acabar de* se revela tendencialmente incompatível (cf. a discussão em Cunha (1998)b).

Em suma, parece-nos lícito concluir que os dados referentes ao comportamento semântico ostentado pelas eventualidades negadas no contexto de verbos de operação aspectual favorecem, de forma inequívoca, o seu tratamento enquanto configurações estativas de pleno direito.

2. Comportamento das Subordinadas Temporais Introduzidas por *Quando*.

No que concerne às subordinadas temporais introduzidas por *quando*, o comportamento manifestado pelas situações negadas é, uma vez mais, em tudo paralelo ao dos restantes estativos. Nessa medida, e em conjugação com o Pretérito Perfeito, tais estruturas ou desencadeiam anomalia semântica (cf. (9)) ou dão origem a uma relação que, sob um certo ponto de vista, se aproxima bastante da de inclusão do evento representado na oração principal, tendo em vista que a proposição negada se inicia antes e se pode manter inalterada para além do intervalo de ocorrência em que este se inscreve (cf. (10)):

- (9) a – * Quando a Maria não leu a revista, adormeceu.⁴
 b – * Quando a Ana não viajou, encontrou o Mário.
 c – * Quando o João não esteve em casa da avó, brincou com o irmão.
- (10) a – Quando o Guilherme não comeu a sopa, a mãe irritou-se.
 b – Quando a Ana não tomou o café, adormeceu.
 c – Quando a Rita não viu os pais, começou a chorar.⁵

Este padrão de comportamento é perfeitamente paralelo ao que caracteriza os estados de natureza lexical, que, em idêntico contexto, tanto podem ocasionar anomalia semântica quanto uma relação de inclusão com os eventos da oração principal, como (11) e (12) deixam bem claro:

- (11) a – * Quando o João foi alto, inscreveu-se numa equipa de basquetebol.
 b – * Quando os cortinados da sala foram brancos, sujaram-se muito.
 c – * Quando o Rui gostou de linguística, matriculou-se no curso de LLM.
- (12) a – Quando a Maria esteve doente, o João fez-lhe uma visita.
 b – Quando a Ana se sentiu mal, levaram-na para o hospital.
 c – Quando morou na Holanda, a Rita conheceu o Mário.

⁴ Ver a discussão na nota 2.

⁵ A relação de inclusão a que aqui nos estamos a referir é de índole estritamente temporal, ignorando, por conseguinte, a expressão da causalidade que, em exemplos como os representados em (10), se afigura muito evidente. Não nos encontramos, contudo, em condições de fornecer uma explicação inteiramente adequada para a razão pela qual as construções com *quando*, envolvendo uma negativa na subordinada, dão origem, quase obrigatoriamente, a este tipo de conexão. Notaremos, contudo, que ela parece remeter para uma certa ideia de sucessividade, o que aponta para o carácter algo “híbrido” patenteado pelas configurações sob análise e que, em última instância, poderá ser invocado como mais um argumento em favor do tratamento da negação enquanto “perspectivador” aspectual a que a seguir faremos referência.

As indicações fornecidas pelo comportamento linguístico das proposições negadas no contexto de orações subordinadas temporais introduzidas por *quando* constituem-se, por conseguinte, como mais uma forte evidência em favor do carácter estativo ostentado pelas estruturas que têm sido alvo preferencial da nossa investigação ao longo do presente trabalho.

3. Compatibilidades com Adverbiais Temporais. As diferentes possibilidades combinatórias das situações negadas com os adverbiais temporais poderão, igualmente, ser invocadas no sentido de comprovar o seu comportamento estativo.

Assim, afigura-se-nos de crucial relevância sublinhar que qualquer eventualidade negada se poderá combinar com adverbiais de simples duração, independentemente do “perfil” aspectual manifestado pela predicação de base. Tal facto indicia a duratividade e a homogeneidade inerentes a todas as proposições com negação, o que vem ao encontro da hipótese que aqui temos vindo a defender:

- (13) a – A Maria não saiu de casa durante dois dias.
 b – O Guilherme não comeu a sopa durante duas horas.
 c – O Luís não ligou o computador durante cinco dias.
 d- A Ana não leu o jornal durante uma semana.

Um outro aspecto em que as proposições negadas se aproximam dos estativos e se afastam dos eventos prende-se com o tipo de relação que estabelecem com os adverbiais de mera localização temporal que ostentam duração, do género de *ontem*, *no Sábado* ou *no dia 2 de Setembro*. Como já fizemos notar em Cunha (1998)a, os eventos mantêm um vínculo quase obrigatório de inclusão no que toca aos localizadores com que ocorrem, contrariamente ao que se passa com os estados, que admitem diversos tipos de conexões temporais, com preferência pela de sobreposição. Ora, as situações negadas parecem obedecer ao paradigma em que se enquadram os estativos, i.e., desencadeiam, em geral, uma relação de sobreposição com os localizadores durativos com que são combinadas (cf. (14)):

- (14) a – Ontem, o Luís não ligou o computador.
 b – Ontem, o Guilherme não comeu a sopa.
 c – No Sábado, a Ana não leu o jornal.
 d – No Sábado, a Maria não foi ao cinema.⁶

⁶ Confronte-se a relação de sobreposição obrigatória patenteada por frases como estas com a de inclusão requerida pelas suas correspondentes não negadas:

- (1) a – Ontem, o Luís ligou o computador.
 b – Ontem, o Guilherme comeu a sopa.
 c – No Sábado, a Ana leu o jornal.
 d – No Sábado, a Maria foi ao cinema.

4. A Negação Proposicional Enquanto “Perspectivador” Aspectual de Estatividade

Se é certo que os dados relativos aos adverbiais temporais que discutimos até ao presente momento apontam, inequivocamente, para o comportamento estativo ostentado pelas eventualidades negadas, não deixa, contudo, de ser verdade que muitos outros nos colocam problemas a este respeito. Referimo-nos, por exemplo, às possibilidades de co-ocorrência de expressões que, de uma forma ou de outra, explicitamente remetem para o “perfil” aspectual das predicções de origem, tal como ilustrado em (15):

- (15) a – A Maria não saiu de casa às sete da manhã.
 b – O Guilherme não comeu a sopa em meia hora.
 c – O Luís não ligou o computador às três da manhã.
 d – O Pedro não fez o exame em duas horas.

Estaremos, de facto, perante verdadeiros contra-exemplos, capazes de invalidar a hipótese que temos vindo a desenvolver? Em nossa opinião, a resposta será negativa. Vejamos porquê.

Em primeiro lugar, importa notar que os adverbiais em causa se encontram sob o escopo da negação, ou seja, estão forçosamente subordinados à influência do operador negativo. Tal facto pode ser comprovado por frases do género das apresentadas em (16):

- (16) a – A Maria não saiu às sete, mas às oito.
 b – O Pedro não fez o exame em duas horas, mas apenas em meia.

Quando um adverbial durativo integra este tipo de configurações, pelo contrário, parece ter escopo sobre a negação, i.e., dá conta do período de tempo em que a situação negada decorre.

Não será de todo surpreendente, por conseguinte, que frases que integram dois adverbiais, um actuando no interior da eventualidade negada, outro medindo a situação descrita na sua globalidade, se revelem perfeitamente aceitáveis, tal como poderemos constatar pelos exemplos de (17):

- (17) a – Durante as férias, a Ana não se levantou às sete da manhã.
 b – Durante a manhã, o Pedro não fez o puzzle em meia hora.

Se as observações que acabámos de efectuar estão correctas, afigura-se-nos lícito concluir que nos encontramos, afinal, diante de um “perspectivador” aspectual, i.e., de um elemento linguístico capaz de alterar o “perfil” aspectual básico de uma situação sem, no entanto, “apagar” ou “esconder” a maioria das suas propriedades temporais internas de origem, na medida em que pelo menos algumas

das características inerentes à predicação de base se mantêm presentes e “ativas” após a sua aplicação.

Os “perspectivadores” diferem, pois, dos operadores aspectuais na medida em que estes últimos “comutam” integralmente as eventualidades a que se aplicam, fazendo convergir todas as suas características relevantes com as que identificam a classe do “output” seleccionado, enquanto os primeiros combinam propriedades da categoria de saída com elementos inerentes à predicação de base.

Encararemos, pois, a negação proposicional como um elemento desencadeador de “perspectivação” de estatividade, e não como um simples operador aspectual; tal assunção permite dar conta do facto de que a negação, embora confira às eventualidades com que se combina “marcas” inequívocas de estatividade, não se mostra capaz de as comutar integralmente em estados, sendo visíveis, em circunstâncias apropriadas, pelo menos algumas das características fundamentais das situações de origem.

Não são somente os dados respeitantes às múltiplas possibilidades combinatórias dos adverbiais temporais que nos levam a acreditar que a negação proposicional actua como um “perspectivador” aspectual. Na realidade, as configurações negativas revelam uma certa “sensibilidade” a outras propriedades identificadoras das diferentes categorias básicas envolvidas, comprovando a inadequação do seu tratamento enquanto elemento propiciador de simples “comutação” aspectual, tal como Dowty (1986) sugere.

A preservação de uma parte muito significativa dos traços comportamentais que, a nível linguístico, permitem distinguir entre predicados de indivíduo e predicados de “estádio” é um dos casos mais relevantes. Comparem-se, a este respeito, as frases de (18) e (19), que respondem positivamente aos vários testes propostos para a detecção dos predicados de “estádio”, isto é, admitem a presença de expressões quantificacionais como *sempre que* e são perfeitamente compatíveis com adverbiais de mera localização temporal, com as de (20) e (21), que mantêm o padrão de ocorrências característico dos predicados de indivíduo:⁷

- (18) a – Sempre que o Guilherme não come a sopa, a sua mãe zanga-se.
 b – Ontem, o Guilherme não comeu a sopa.
 c – O Guilherme não comeu a sopa às duas da tarde.
- (19) a – Sempre que a Ana não está deprimida, vai às compras com as amigas.
 b – Ontem, a Ana não esteve deprimida.
 c – A Ana não esteve deprimida às três da manhã.
- (20) a – * Sempre que o João não é alto, os colegas brincam com ele.
 b – * Ontem, o João não foi alto.
 c – * O João não foi alto às duas da tarde.

⁷ Concebemos a diferenciação entre predicados de indivíduo e predicados de “estádio” tal como foi sugerida em Carlson (1977) e Kratzer (1995). Empregamos aqui o termo “estádio” para evitar confusão com o conceito distinto de predicados estativos “faseáveis” e “não faseáveis”, tal como introduzido em Cunha (1998)a.

- (21) a – * Sempre que o meu casaco não é verde, deixo-o no guarda-vestidos.
 b – * Ontem, o meu casaco não foi verde.
 c – * O meu casaco não foi verde às duas da tarde.⁸

Verificámos, desta forma, que, apesar do seu cariz eminentemente “estativizador”, a negação frásica é, por assim dizer, “permeável” a certas propriedades identificadoras das categorias aspectuais associadas às situações de origem. Ou, dito de um outro modo, no contexto de proposições negadas, confrontamo-nos com estados em que pelo menos algumas das características inerentes às predicções de base se mantêm activas, graças à “perspectivação” aspectual que, como temos vindo a advogar, não oblitera por completo a natureza da eventualidade inicial.

5. Conclusão

Tendo em conta toda a discussão desenvolvida até ao momento, encontramos-nos em condições de retirar algumas conclusões, a nosso ver bastante interessantes, acerca do papel desempenhado pela negação proposicional ao nível do aspecto das predicções com que se combina. Nesse sentido, verificámos que as indicações fornecidas pelo seu comportamento com relação aos verbos de operação aspectual, às orações subordinadas introduzidas por *quando* e aos adverbiais temporais levam a crer que, por princípio, a negação proposicional confere marcas inequívocas de estatividade às eventualidades com que co-ocorre; no entanto, tal elemento funciona mais como um “perspectivador” do que propriamente enquanto um operador de estatividade, na medida em que deixa transparecer determinadas propriedades aspectuais das situações básicas que toma como “input”, conferindo um carácter algo híbrido ao “perfil” temporal interno do estado de coisas resultante da sua aplicação.

⁸ A preservação de propriedades características das predicções de base pode eventualmente estender-se à distinção entre estados “faseáveis” e não “faseáveis”, como as divergências, em termos de aceitabilidade, que surpreendemos entre as construções de (I) e (II) nos sugerem. Com efeito, as eventualidades nas orações principais de (I) parecem manter o seu carácter “faseável”, na medida em que se comportam como eventos no contexto em questão, ocasionando uma leitura preferencial de sequencialidade, ao contrário do que sucede com as de (II) que, ao desencadearem anomalia semântica, conservam o comportamento típico dos estados não “faseáveis”:

- (I) a – Quando lhe pedi informações, a Maria não foi nada simpática.
 b – Quando o veterinário o examinou, o meu cão não foi agressivo.
 (II) a – * Quando fez seis anos, o João não foi alto.
 b – * Quando o mandei tingir, o meu casaco não foi verde.

Referências

- BENNETT, M. e B. PARTEE (1978) *Toward the Logic of Tense and Aspect in English*, Indiana, Indiana University Linguistics Club.
- BINNICK, R., (1991) *Time and the Verb. A Guide to Tense and Aspect.*, Oxford, Oxford University Press.
- BRANCO, A., e B. CRYSMANN (1999) "Negative Concord and the Distribution of Quantifiers" in Y. D'Hulst, J. Rooryck e J. Schroten (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory – Selected Papers from 'Going Romance' 1999*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 39-62.
- CARLSON, G., (1977) "A Unified Analysis of the English Bare Plural", *Linguistics and Philosophy*, Vol. 1, 413-456.
- CHIERCHIA, G., (1995) "Individual-Level Predicates as Inherent Generics", in G. CARLSON e F. PELLETIER (eds.), *The Generic Book*, Chicago, the University of Chicago Press, 176-223.
- CONTINI-MORAVA, E., (1989) *Discourse, Pragmatics and Semantic Categorization: the Case of Negation and Tense-Aspect with Special Reference to Swahili*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- CORBLIN, F., e L. TOVENA (1999) "On the Multiple Expression of Negation in Romance" in Y. D'Hulst, J. Rooryck e J. Schroten (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory – Selected Papers from 'Going Romance' 1999*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 87-115.
- CUNHA, L. F., (1998)a *As Construções com Progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*, Dissertação de Mestrado, Porto, F.L.U.P..
- CUNHA, L. F., (1998)b "Breve Análise Semântica de Alguns Operadores Aspectuais do Português", *Actas do XIV Encontro Nacional da A.P.L.*, 447-462.
- CUNHA, L. F., (1998)c *Os Operadores Aspectuais do Português: Contribuição para uma Nova Abordagem*, Cadernos de Linguística, 1, Porto, C.L.U.P..
- CUNHA, L. F., (1999) "Valores Temporais das Orações com Quando" in *Actas do XV Encontro Nacional da A.P.L.*, Faro, 311-333.
- DECLERCK, R., (1997) *When-Clauses and Temporal Structure*, London and New York, Routledge.
- DOWTY, D., (1979) *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel Publ. Comp..
- FOREST, R., (1992) "L'interprétation des Énoncés Négatifs" in *Langue Française* 94, 35-47.
- HORN, L., (1989) *The Natural History of Negation*, Chicago, University of Chicago Press.
- KAMP, H., e U. REYLE (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- KRATZER, A., (1995) "Stage-Level and Individual-Level Predicates" in G. CARLSON e F. PELLETIER (eds.), *The Generic Book*, Chicago, the University of Chicago Press, P. 125-175..
- MATEUS, M. H., et al., (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho.
- MATOS, G., (1998) "Negação Frásica e Concordância Negativa em Português Europeu" in *actas do XIV Encontro Nacional da A.P.L.*, Aveiro, 197-218.

- MATOS, G., (1999) "Negative Concord and the Scope of Negation", *Catalan Working Papers in Linguistics*, 7, Univ. Autònoma de Barcelona, 175-190.
- MATOS, G., (1999) "Negative Concord and the Minimalist Approach" in Y. D'Hulst, J. Rooryck e J. Schroten (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory – Selected Papers from Going Romance 1999*, Amsterdam, John Benjamins, 245-280.
- MATOS, S., (1999) *Adverbiais de Tempo em Português Contemporâneo: Forma e Significação*, Dissertação de Doutoramento, F.L.U.P.
- MOENS, M., (1987) *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Edimburgo, Tese de Doutoramento.
- MOENS, M., e M. STEEDMAN (1988) "Temporal Ontology and Temporal Reference", *Computational Linguistics*, 14.
- MÓIA, T., (1999) *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, Dissertação de Doutoramento, F.L.U.L.
- OLIVEIRA, F., (1991) "Alguns Aspectos do Aspecto", *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.
- OLIVEIRA, F., (1994) "Algumas Peculiaridades do Aspecto em Português", *Actas do Congresso Internacional Sobre o Português*, Vol. II, Lisboa, A.P.L., 151-190.
- OLIVEIRA, F., (1995) "Aspecto: Algumas Questões", *Cadernos de Semântica*, 20, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PARSONS, T., (1990) *Events in the Semantics of English: a Study in Subatomic Semantics*, Cambridge Mass., the MIT Press.
- PERES, J., (1997) "Extending the Notion of Negative Concord" in D. Forget, P. Hirschbuhler, F. Martineau e M. L. Rivero (eds.), *Negation and Polarity: Syntax and Semantics*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing, 289-310.
- PERES, J., (2002) "Domínios da Negação em Português", conferência apresentada no Centro de Linguística da Universidade do Porto, Porto, Março de 2002.
- SMITH, C., (1991) *The Parameter of Aspect*, Dordrecht, Kluwer.
- VENDLER, Z., (1967) *Linguistics in Philosophy*, New York, Cornell U.P.
- VOGLEER, S., (1999) "French Negative Sentences with *Avant* ('Before')-phrases and *Jusqu'à* ('Until')-phrases" in Y. D'Hulst, J. Rooryck e J. Schroten (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory – Selected Papers from 'Going Romance' 1999*, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 355-382.